

ENTREVISTA COM RENATO REZENDE CONCEDIDA A VANESSA LOPES LOURENÇO HANES

Renato Rezende é um autor, tradutor e artista visual brasileiro, diplomado como *Bachelor of Arts* na área de *Hispanic Studies* pela Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos. Enquanto autor escreveu livros em prosa e em verso, e suas obras poéticas têm recebido considerável destaque no cenário literário do país. O livro *Ímpar*, publicado pela Editora Lamparina em 2005, foi o vencedor do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional como melhor livro de poesia daquele ano. Rezende tem também apresentado trabalhos de artes visuais em diferentes eventos no Brasil e no exterior. Porém, o foco maior desta entrevista é a sua atuação como tradutor. Sua experiência nesta área é bastante vasta, com dezenas de livros e artigos traduzidos nas mais diversas áreas, incluindo ficção, filosofia, história e arte, bem como poesia inglesa e espanhola. Rezende foi ainda o responsável pela re-tradução de um dos maiores clássicos escritos pela autora de romances policiais Agatha Christie, *The Murder of Roger Ackroyd*. A pesquisadora a quem esta entrevista foi concedida a conduziu como parte de sua pesquisa de doutorado, na qual tem como foco a tradução de obras de Agatha Christie no Brasil. A entrevista, portanto, divide-se em dois momentos: na primeira parte Rezende discorre sobre questões relativas ao seu fazer profissional, principalmente como tradutor; na segunda, sobre sua experiência ao traduzir Agatha Christie.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes - Universidade Federal de Santa Catarina/University of Antwerp

Sobre a profissão

Caderno de Letras (UFPEL): *Seu nome aparece na internet vinculado a vários livros de sua autoria. Quais tipos de materiais você escreve ou já escreveu?*

Renato Rezende (RR): Tenho já uma obra razoável como escritor, principalmente nas áreas de poesia, romance e crítica literária. São diversos livros de poesia, alguns deles recipientes de prêmios importantes, dois romances (o terceiro será publicado ainda este ano), quatro livros de encomenda sobre a cidade do Rio de Janeiro, livros sobre arte e teoria da arte; além de resenhas, ensaios e críticas publicadas aqui e ali. Tenho também um trabalho como artista visual.

Caderno de Letras (UFPEL): *Com relação à sua competência linguística, como e quando aprendeu inglês? É proficiente em outros idiomas além de inglês e português? Tem o hábito de ler em outras línguas? Que tipo de textos?*

RR: Aprendi o inglês durante minha estadia nos EUA, que durou doze anos. Formei-me numa universidade americana, e iniciei minha pós-graduação em Harvard. Tenho um livro de poemas escritos em inglês, do qual gosto muito. Além do inglês, sou razoavelmente proficiente no francês e no espanhol e sim, tenho o hábito de ler em outras línguas. Hoje em dia, principalmente teoria da arte e filosofia.

Caderno de Letras (UFPEL): *Quando/onde a tradução se tornou parte de sua vida? Você planejou se tornar tradutor? Foi impulsionado por algum evento específico?*

RR: Tornei-me tradutor exclusivamente devido às circunstâncias da vida, pois precisava trabalhar ao voltar para o Brasil depois de anos no exterior, e o trabalho *freelance* como tradutor logo surgiu como uma possibilidade. Devo muito, nesse momento, ao auxílio do amigo Paulo Henriques Britto, que generosamente foi me indicando para seus clientes. Não foi planejado, foi pura necessidade de sobrevivência.

Caderno de Letras (UFPEL): *Você tem tradutores que considera como exemplos/modelos? O que aprecia no trabalho deles? Que tipo de textos traduzidos tem o hábito de ler?*

RR: O Paulo Henriques Britto é sem dúvida um modelo. Cheguei a fazer um curso com ele, sobre prosódia inglesa, voltado para a tradução de poesia, na PUC-Rio. Aprendi muito com o Paulo. Além dele, os irmãos Campos são modelos, mas só até certo ponto. Outro excelente tradutor foi o Manuel Bandeira. Li muitos romances traduzidos, e todos os textos de filosofia e psicanálise alemães eu leio em tradução.

Caderno de Letras (UFPEL): *Você participa de alguma associação/grupo de tradutores? Caso a resposta seja positiva, o que costumam discutir nos encontros?*

RR: Não, sou um tradutor solitário.

Caderno de Letras (UFPEL): *Você acredita que o seu trabalho como escritor tem influência no seu trabalho como tradutor? Como?*

RR: Sim, como escritor eu me sinto de igual para igual com um outro escritor e, ao traduzi-lo, sinto-me mais à vontade para “traí-lo”, se for preciso, para melhor transferir suas palavras para a língua meta, o português. Claro que tenho um compromisso ético com o autor, mas também tenho com o leitor, e penso que o texto deve soar como português, e não como algo traduzido. Percebo em tradutores iniciantes muito receio de distanciar-se de uma tradução literal, que muitas vezes acaba sendo a mais pobre.

Caderno de Letras (UFPEL): *Em sua opinião o fato de haver vivido e estudado fora do Brasil afeta o resultado final das suas traduções? Em que sentido?*

RR: Sim, pois ao viver cotidianamente uma língua estrangeira você aprende as nuances e conotações de cada palavra, as ironias e sutilezas embutidas em certos termos. Além do mais, um bom tradutor, para além de um bom vocabulário e conhecimento gramatical (dicionários podem suprir essas faltas) precisa ter cultura e inteligência. Eu posso perdoar num tradutor o emprego de uma palavra menos feliz, menos precisa, mas incompreensão do texto, ou seja, erro de leitura, é imperdoável, e isso frequentemente acontece por mera falta de conhecimento geral.

Sobre a tradução de Agatha Christie

Caderno de Letras (UFPEL): *Qual sua opinião sobre a relevância de traduzir Agatha Christie para o português brasileiro? Há algum outro texto desta autora que gostaria de ter a oportunidade de traduzir? Por quê?*

RR: Tenho enorme simpatia por Agatha Christie, porque quando garoto eu devorei alguns dos seus livros. É uma autora instigante, uma forte referência dentro do gênero policial, e essas são razões suficientes para continuarmos traduzindo-a. Agatha Christie incita o prazer da leitura em jovens, e isso é importante. Teria prazer em traduzir qualquer outro livro dela.

Caderno de Letras (UFPEL): *Você já traduziu outros livros do gênero romance policial? Adotou alguma abordagem específica para este tipo de tradução?*

RR: Sim, traduzi alguns outros. Minha preocupação específica para esse tipo de romance é não produzir nenhuma palavra, nenhuma frase ou construção verbal que possa atrapalhar o ritmo da leitura e fazer com que o leitor se distancie da trama. Além disso, há de se tomar cuidado para sem querer não revelar algum detalhe que não deve ser revelado, ou deixar de revelar algum detalhe que precisa ser revelado de forma sutil. Isso com o inglês às vezes fica complicado, devido ao nosso uso confuso dos pronomes possessivos, e ao *it*, neutro.

Caderno de Letras (UFPEL): *Qual sua opinião sobre o inglês usado por Agatha Christie em seus livros?*

RR: É um inglês muito gostoso de ler.

Caderno de Letras (UFPEL): *A tradução de O Assassinato de Roger Ackroyd foi feita para uma grande e tradicional editora. Isto interferiu de alguma forma na sua tradução?*

RR: Não. Nem me lembro qual foi a editora.

Caderno de Letras (UFPEL): *Como se deu sua interação com a editora responsável pela publicação de sua tradução de Agatha Christie? Como foi seu contato inicial – eles procuraram você ou você os procurou?*

RR: Eles me procuraram.

Caderno de Letras (UFPEL): *Os responsáveis técnicos da editora estabeleceram critérios a serem seguidos na sua tradução de Agatha Christie (com relação ao uso de vocabulário, pontuação, nível de formalidade, etc)? Quais tipos de critérios? Você se ateuve a todos eles?*

RR: Não me lembro, mas acredito que não. Geralmente, tais diretrizes, quando existem, dizem respeito a padronizações ortográficas, ou espaçamento, fonte, etc. Creio que jamais recebi orientações em relação a estilo ou vocabulário.

Caderno de Letras (UFPEL): *Howe mudanças pós-tradução (feitas por revisores) com as quais você não concordou? Elas foram publicadas sem o seu aval?*

RR: Geralmente, eu concordo com os revisores. Às vezes eu implico com algumas mudanças que eu considero desnecessárias. Já aconteceu de mudarem coisas sem o meu consentimento, e eu me aborrecer. Mas esse não foi o caso do livro da Agatha Christie. Lembro que o revisor enviou uma serie de pequenas sugestões, algumas relativas ao uso de travessões, e eu concordei com tudo – era uma questão de estilo adotado pela editora.

Caderno de Letras (UFPEL): *Quais as principais dificuldades que enfrentou para traduzir Agatha Christie? Em sua opinião, qual o grau de dificuldade desta tradução? Você acredita que o romance O Assassinato de Roger Ackroyd apresenta dificuldades específicas quando comparado com outras obras literárias que traduziu?*

RR: Não considero Agatha Christie especialmente difícil de traduzir, pelo contrário, a tradução flui em bom ritmo, a gente para pouco para compreender ou pesquisar, e acaba sendo um processo bastante prazeroso. Os cuidados são aqueles que eu citei acima.

Caderno de Letras (UFPEL): *Você recebeu feedback de amigos ou leitores em geral sobre sua tradução de Agatha Christie? E sobre outras traduções?*

RR: Raramente eu recebo *feedback* pela tradução. Em geral, as pessoas não prestam atenção em quem traduziu, e é claro que eu considero isso uma pena. Muitas vezes um conhecido cita um livro que leu e gostou, e eu digo, fui eu quem traduziu, e a pessoa não havia notado. Em citações

bibliográficas, frequentemente o nome do tradutor é omitido, e eu considero isso um erro grave. Não me lembro de ter recebido *feedback* desta tradução em específico. Mas nenhum comentário é geralmente um bom sinal, significa que o tradutor não se fez notar. Nota-se o tradutor quando ele erra. E às vezes ele é condenado injustamente. Já recebi elogios em resenhas de jornal, mas recentemente recebi uma severa censura. Houve de fato, um erro crasso (não adianta dizer aqui, ou ter dito antes, que o erro foi dos revisores), mas um erro de vocabulário, que é o mais raso em uma tradução. Todo um trabalho pode ser condenado por conta de alguns erros de nomenclatura, sem se atentar ao ritmo, construção gramatical, etc. Em geral, não há crítica de tradução e, quando há, é mal informada. Todos pensam que o ofício do tradutor é uma coisa fácil, basta saber bem uma outra língua...

Entrevista concedida a Vanessa Lopes Lourenço Hanes

ANEXO

LIVROS

Aura. Rio de Janeiro, 2AB, 1997.

Asa. Rio de Janeiro: Velocípede, 1999.

Passeio. Rio de Janeiro: Record, 2001,

Ímpar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.

Noiva. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

Memórias e Curiosidades do Bairro de Laranjeiras. Rio de Janeiro: Eco Rio, 1999.

Avenida Rio Branco – um Projeto de Futuro: 100 Anos. Rio de Janeiro: Usina das Artes, 2002.

Praça Tiradentes: do Império às Origens da Cultura Popular. Rio de Janeiro: Usina das Artes, 2003.

Guilherme Zavros por Renato Rezende. Rio de Janeiro:EDUERJ, 2010.

PRINCIPAIS TRADUÇÕES (PROSA)

As Duas Culturas e uma segunda leitura (C.P. Snow). São Paulo: EDUSP, 1995.

Mediatamente! – Televisão, Cultura e Educação (Jesús Martín-Barbero, Francisco Martínez Sánchez). Brasília: Ministério da Educação, 1999.

TAZ - Zona Autônoma Temporária (Hakim Bey). São Paulo: Conrad, 2001.

O livro de ouro da Mitologia Erótica (Shahruku Husai). Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

13 dos melhores contos de vampiros da literatura universal. (Mary Elizabeth Braddon). Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. Org. por Flávio Moreira da Costa.

Duween—o marchand das vaidades (S. N. Behrman). São Paulo: BEI, 2002.

Caos – Terrorismo Poético & Outros Crimes (Hakim Bey). São Paulo: Conrad, 2003.

Declarações de Paz em Tempos de Guerra (Kofi Annan, MSF, René Cassin, Unicef e Willy Brandt). Ed. por Emir Sader e Cláudia Mattos. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003.

História da Primeira Guerra Mundial (John Keegan). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

Sobre a História e outros ensaios (Michael Oakeshott). Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

Crença e Imaginação (Ronald Britton) (tradução dos poemas: Milton, Wordsworth, Blake, Shakespeare, Rilke, Brönte, Coleridge, Keynes, Browning). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Cartas (Jacob Burckhardt), Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

13 dos melhores contos da mitologia da literatura universal. (Mark Twain). Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. Org. por Flávio Moreira da Costa.

Mar de Glória—viagem americana de descobrimento (Nathaniel Philbrick), São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Brasil experimental: arte/vida: proposições e paradoxos. (Guy Brett, org. de Kátia Maciel), Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

Crimes de Guerra—culpa e negação no século XX (Omer Bartov, Atina Grossman, Mary Nolan), Rio de Janeiro: Difel, 2005.

Uma questão de vida e sexo (Oscar Moore), Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Sadhana do coração (Gurumayi Chidvilasananda), Rio de Janeiro: Siddha Yoga Dham Brasil, 2007.

Devorando o vizinho (Daniel Diehl e Mark P. Donnelly), São Paulo: Globo, 2007.

A dádiva maior – a vida e a morte corajosas da irmã Dorothy Stang (Binka Le Breton), São Paulo: Globo, 2008.

Maio de 68. Coleção Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

Satã – uma biografia (Henry Ansgar Kelly). São Paulo: Globo, 2008.

Atlas Mundial do Vinho (Hugh Johnson e Jancis Robinson). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

1001 vinhos para beber antes de morrer (Neil Beckett, ed.). Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

O assassinato de Roger Ackroyd (Agatha Christie). São Paulo: Globo, 2009.

Transcineamas (Kátia Maciel, org.). Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

Hélio Oiticica. Coleção Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

Olhe outra vez (Lisa Scottoline). São Paulo: Globo, 2009.

Quando haverá boas notícias? (Kate Athinson). São Paulo: Globo, 2009.

Geração Beat Coleção Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

100 maneiras de criar riqueza (Steve Chandler e Sam Beckford). Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

O livro do whisky. (Charles Maclean, org). São Paulo: Globo, 2010.

Vida (Keith Richards). Rio de Janeiro: Globo, 2010.

Under their thumb (Bill German). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Assim mataram Adonis (Sarah Caudwell). São Paulo: Tordesilhas, 2011.

Fragmentos (Marilyn Monroe). São Paulo: Tordesilhas, 2011.

La Doce (Gustavo Grabia). São Paulo: Panda Books, 2012.

Guerra Santa – como as viagens de Vasco da Gama transformaram o mundo (Nigel Cliff). São Paulo: Globo livros, 2012.

Neil Young – a autobiografia. São Paulo: Globo Livros, 2012.

PRINCIPAIS TRADUÇÕES E VERSÕES (POESIA)

Twentieth-Century Latin American Poetry (Ferreira Gullar, Raul Bopp). University of Texas Press, 1996. Ed. por Stephen Tapscott.

Poesia Sempre n. 9 (C. Day Lewis, W. B. Yeats). Fundação Biblioteca Nacional, março, 1998.

Life Beats (Ferreira Gullar). Wilton Manors, FL, USA: Impsat, 1999.

Crença e Imaginação (poemas de Milton, Wordsworth, Blake, Shakespeare, Rilke, Brönte, Coleridge, Keynes, Browning). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

Puentes/ Pontes – Poesia Argentina e Brasileira Contemporânea (Amelia Biagioni, Juana Bignozzi, Joaquín Gianuzzi, Roberto Juarroz, Leónidas

Lamborghini, Francisco Madariaga). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003. Ed. por Heloisa Buarque de Hollanda e Jorge Monteleone; bilíngue.

Rebelião em silêncio (Rebecca Horn). Magnetocópio/CCBB: São Paulo, 2010.

I in U / Eu em você (Laurie Anderson). Magnetocópio/CCBB: São Paulo, 2010.